

MULHER DO SÉCULO XXI: CONQUISTAS E DESAFIOS DO LAR AO LAR

Méry Terezinha Martini¹
Fernanda Souza²

Resumo

O tema principal deste trabalho circula em torno das conquistas e desafios da mulher do século XXI, e se configurou como uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida no primeiro semestre de 2015, vinculada a linha de pesquisa Direitos, Vulnerabilidade e Violência, do programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, do curso de Especialização em Educação, Diversidade e Redes de Proteção Social, do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina (SED/SC), por meio do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES). Como objetivo geral da investigação definimos compreender o processo histórico de construção do papel e do compromisso da mulher do século XXI. Como base para a pesquisa utilizamos o periódico capes e o acervo da biblioteca da UNIDAVI. Encontramos com as palavras-chave mulher, história e desafios, discriminação feminina, 23 artigos, 10 livros, e 37 dissertações, destas escolhemos como aporte teórico principal Zirbel (1998), Vygotsky (1998), Grossi (1994, 2004), Hanada, D'Oliveira e Schraiber (2010), Adriaio, Toneli e Maluf (2011), Barsted e Pitanguy (2011).

Palavras-chave: Mulher. Questões de gênero. Feminismo. Conquistas e desafios da Mulher.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Vygotsky (1998, p. 85), “estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança” e não somente “estudar algum evento do passado”. Assim, com essa pesquisa pretendemos compreender o processo histórico de construção do papel e do compromisso da mulher do século XXI, por meio das principais mudanças identificadas no aporte bibliográfico encontrado em livros e artigos.

Tal intenção de pesquisa surgiu de uma série de questionamentos que nos acompanham enquanto pesquisadoras como: A sociedade contemporânea vê a mulher ainda como sexo frágil? Mesmo a tantas conquistas com liberdade e direitos de expressão as desigualdades deixarem de existir? Qual o seu papel perante a sociedade na família, na comunidade, na igreja? O que ela pode fazer ou contribuir para mudar essa linha de pensamento, diante de uma sociedade patriarcal? Podemos perceber uma sociedade igualitária onde essas mulheres tenham

¹ Especialista em Educação, Diversidade e Redes de Proteção Social. Centro Universitário para o

² Mestre em Educação. Universidade Regional de Blumenau (FURB). fernandasouza@unidavi.edu.br.

seus direitos preservados. A sobrecarga é um dos fatores que implica no relacionamento familiar que o desgasta. Como esta mulher consegue separar relacionamento conjugal do seu papel de mãe? Será um desses fatores que a mulher vem sofrendo maus tratos, violência física e psicológica dentro do lar? Separações, droga lícita e ilícitas. Como ela tem se posicionado para melhorar suas relações familiares. Ela poderá conciliar caminhos pra resolução de tais problemas?

A mulher vem lutando pelos seus objetivos e realizações pessoais e profissionais. Seria esse o caminho? Este modelo de cultura patriarcal, onde o homem é o esteio da família, podemos mudar essa linha de pensamento arcaico que vem se estendendo de geração em geração? Quais os desafios da mulher do século XXI dentro da família? Ela esta preparada para assumir novos desafios com direitos e deveres impondo-se a mesma condição do gênero oposto?

Muitos anos se passaram e o que vimos e ouvimos ainda, nos meios de comunicação são mulheres passando por inúmeros conflitos. Mulheres que buscam mudar sua história, engajadas em movimentos para transformar a sociedade, mudar a visão que as culturas possuem sobre sexo feminino, conquistar espaços igualitários dentro do ciclo de sua convivência.

Segundo Grossi (2004, p. 213) no Brasil, devido à ditadura militar, o feminismo se desenvolve com algumas particularidades. Uma delas é a grande importância do caráter de luta de classe e contra a ditadura que marca as primeiras publicações feministas dos anos 70 (Jornais Brasil Mulher e Nós, Mulheres).

Mas, se por um lado, esses movimentos foram ganhando espaços na mídia e o reconhecimento na sociedade, não foi fácil não! Foi marcado por muitas lutas e sacrifícios. Toda a conquista por uma igualdade de direitos vem ao longo de anos percorrendo caminhos, travando batalhas contra o preconceito, nada vem do acaso. Segundo Melo (2013):

[...] o dia 8 de março é um marco na luta pelos direitos das mulheres ao redor do mundo. Se fosse possível retroceder no tempo e contar para um cidadão do começo do século XX que as mulheres, hoje, votam, têm média de escolaridade maior que a dos homens, governa países e estão inseridas amplamente no mercado de trabalho, talvez o sujeito não acreditasse no relato.

A diversidade da cultura brasileira é de tamanha grandeza, mas, dentro do contexto de gêneros fica claro perceber as diferenças entre os sexos. Podemos entender melhor essa desigualdade entre homens e mulheres, dentro da comunidade escolar onde é visível a discriminação pelo sexo feminino, cultura essa que cada educando trás consigo do meio onde

vive, e que demonstra que o machismo ainda persiste enraizado entre os mais diferentes tipos de culturas. Continuando assim o desprezo pelo sexo oposto. Do livro *O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010*, Barsted e Pitanguy (2011 p. 35-36) afirmam que:

[...] no Brasil, durante a ditadura militar, particularmente a partir de meados dos anos 1970, o feminismo se afirma como um novo ator político no cenário nacional, como força social que lutava, simultaneamente, pelo restabelecimento da democracia e pela ampliação desse conceito, de forma a incluir a cidadania plena das mulheres como um pilar dessa nova agenda. [...] A abertura destas vias de comunicação, ainda tímidas no início dos anos 1980, teve na Constituição Cidadã de 1988 um marco fundamental. A Constituição representa um marco na história política do país por partir dos direitos de cidadania para construir os parâmetros normativos que regem a relação indivíduo-Estado. Piovesan, nesta publicação, enumera as principais conquistas das mulheres na nova Carta, resultado de um formidável processo de advocacy que articulou governo (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, CNDM), outros Conselhos estaduais e municipais e organizações diversas da sociedade civil de defesa dos direitos das mulheres.

Começa assim um novo pensar sobre o sexo feminino, abrindo caminho tão pouco antes refletido. Toma assim um novo rumo para tais questões, assegurando assim direitos que outrora não se tinha. Na saúde a mulher fica assegurada pela lei, em duas situações: a lei penal que permite o aborto: para salvar a vida da mulher (art. 128, I); e quando a gravidez é resultante de violência sexual (art. 128, II).

Em relação a violência física foram criadas duas novas leis: Lei Federal 10.778, de 15/4/2003, estabelece a notificação compulsória dos casos de violência atendidas em serviços públicos ou privados de saúde, e a aprovação da Lei Maria da Penha, Lei Federal 11.340, de 7/8/2006, que criou estruturas para coibir a agressão doméstica e familiar contra a mulher. Surgem assim mais segurança e reconhecimento da gravidade do problema. Em se tratando do planejamento familiar passa a vigorar em 1979 a lei que regulamenta as seguintes condições:

[...] Contracepção e planejamento familiar Até o ano de 1979, não era livre a regulação da fecundidade por meio de anticoncepcional ou esterilização cirúrgica. O acesso ao contraceptivo ou laqueadura tubária só era possível no Brasil com indicação médica que atestasse ser a gravidez de risco para saúde da mulher. Após a Lei 6.734, de 4/12/1979, a proibição do uso de substâncias ou processo destinado a evitar gravidez foi revogada, sendo mantida somente a proibição em relação ao aborto. (BARSTED; PITANGUY, 2011, p. 319)

A mulher passa a partir desta data, poder planejar seu futuro familiar com os métodos contraceptivos, optando pela quantidade de filhos que desejasse, ou por não tê-los. Mais uma conquista importante para o seu encaminhamento profissional. Que muitas vezes a deixava sem saída, pois, muitas delas, cada ano um filho, sendo assim impossibilitada de sair de seu leito família.

Com a chegada do novo milênio muitos avanços, transformações e conquistas, assumem papéis que outrora não lhes pertencia e sua carga diária passa a deixá-la assoberbada, trazendo assim, uma série de consequências, tanto física, como psicológicas. Uma minoria usufruiu dessa transformação como forma de libertação e anseio pela igualdade de direitos, direitos esses de cidadã, imposto por elas mesmas.

A sociedade passa a abordar mais sobre o tema gêneros, com os movimentos feministas. O sexo feminino passa a ser visto com outro olhar, a mulher passa ser tratada com mais respeito, mas, no meio em que elas estão inseridas é bem difícil pensar em respeito, dignidade, liberdade e igualdade. Em todos os cargos que elas assumem, nas mais diferentes profissões, a relatos de discriminações, tanto no salário quanto no trabalho por elas exercidos.

Essas importantes conquistas do século XX e XXI dentro do contexto social aparecem um tanto quanto desrespeitadas, Segundo Bebiano e Ramalho (2010, p. 1) na revista *Crítica de Ciências Sociais (Estudos feministas e cidadania plena)*, questionam: “Estão as mulheres agora incluídas no contrato social?” Quando questionam estão deixando-nos a refletir quais benefícios tiveram com tais conquista, deixa-nos um tanto irresoluto, pois, se pensarmos num mundo com tantas transformações, podemos perceber que ao longo de tantos anos, essas mudanças ocorreram o mínimo que poderia ter ocorrido.

Os meios de comunicações, diariamente trazem relatos de mulheres sendo submetidas a vários tipos de torturas: assédios sexuais, violência física, violência moral, violência verbal, pressão psicológica e muitas delas assassinadas por colocar um fim no relacionamento não aceito pelo parceiro, violando assim tantos anos de lutas e desafios para preservar os direitos adquiridos. Compreende-se que, muitas delas ainda estão acalentadas em seus lares, submissas ao machismo impregnado na sociedade patriarcal, sendo assim ainda vista como o sexo frágil.

Não se pode deixar de destacar, sem sombra de dúvidas, que uma parcela dessas mulheres se sentiu mais segura e respeitada, mas falta muito para conquistarmos tal equilíbrio entre gêneros, dentro de uma sociedade tão machista, e valores tão enraizados entre tantas culturas que tem o homem como “o provedor, o macho” .

A luta feminista pela igualdade de direitos foi de grande relevância. Segundo Adrião, Toneli e Maluf (2011, p.17): “o ponto de partida de que havia uma diferença sexual para a qual se colocavam distinções, a saber, entre os homens – que possuíam o acesso ao mundo público e à cidadania – e aos demais sujeitos que se encontravam à margem dos processos decisórios”. Deixa claro aqui, que essas mulheres, estavam excluídas da participação social, mantendo elas

ausentes das decisões, não podendo dar sua contribuição para sociedade, eram coagidas e não participavam do processo histórico do país, violado assim seu direito como cidadã.

Partindo desse pressuposto, uma pequena parcela dessas mulheres está engajada em diversos movimentos sociais, assumindo trabalhos importantes. Elas estão hoje inseridas nos mais diferentes tipos de participação social, a presença dela na política é um dos exemplos bem marcante deste século. Todo esse trabalho, lutas e conquistas são de grande valia para o avanço que tivemos ao longo de anos de engajamentos e batalhas travadas, mas não param por ai, os desafios continuam com manifestações pelos mais diferentes grupos sociais.

Ao longo da história das mulheres na sociedade, muitos fatores contribuíram para a transformação do núcleo familiar, a inserção dela no mercado de trabalho, sua escolaridade, pode-se então entender que, a estrutura da família transformou-se muito nas últimas décadas, porque aquela mulher do lar passou a ser da sociedade, entendesse hoje que alguns pontos foram negativos, filhos em creches, trabalho dobrado: casa e emprego.

2 A MULHER DO SÉCULO XXI: DO LAR AO LAR

Quando constatamos que a mulher fica presa mesmo não estando no lar, é pelo simples fato que, antigamente o homem trabalhava, a mulher cuidava da casa, hoje os homens trabalham as mulheres trabalham e cuidam da casa. “Fica difícil para ela sair do lar mesmo estando ligada ao lar”.

Essa carga está levando inúmeras mulheres ao caos do desequilíbrio psíquico. Relata Bellettini e Gomes (2013 p.161) que: “74% das consumidoras de medicamentos psiquiátricos são mulheres com diferentes tipos de transtornos”. Se observarmos a sociedade contemporânea veremos como estão essas mulheres, é notável que as atividades do lar ainda sejam as mesmas, mas a sobre carga bem maior, pelo fato de sua entrada no mercado do trabalho.

Assistimos ou escutamos nos meios de comunicações, todos os dias, da mudança que houve em relação as mulheres, no seu papel, tanto no lar ou fora dele, mas apesar das mudanças, a mulher quando sai de casa logo cedo para o trabalho, não consegue desligar seu pensamento da “família”, pois, tem ela como seu bem maior, e reconhecendo as mudanças que houve ao longo de tantos anos.

Assim define Zirbel (2011, p. 3) em seu artigo Teorias da Justiça e Família: Uma difícil relação, “Apesar das mudanças efetuadas no campo da legislação nas últimas décadas, o Estado

e a sociedade ocidental ainda operariam com base em um modelo de família pautando na ideia do contrato de casamento e das relações biológicas de seus integrantes”.

Ao se pensar em família é indispensável entender que a concepção da mesma muda de acordo com a história, deparando com um conjunto de elementos que circundam de acordo com determinada época. Isso ocorre porque a família é decorrência das relações presentes na sociedade, que segue sua transformação e modificação de acordo com os interesses e necessidades do momento.

Quando cita que o modelo de família biológica do seguimento para estado e sociedade, concluímos que: A família ainda é o bem maior dentro de uma sociedade e a mulher é para essa sociedade a continuação, pois, a maioria delas ainda tem no casamento seu principal, sonho, ou projeto de vida.

Sabe-se que o modelo tradicional dessa família, que elas sonham modificou, aquele lar formado por: marido, filhos, casa, carro, está em constante mudança. Hoje filhos separados morando com seus pais e os netos juntos, pai e madrasta, mãe e padrasto, famílias em diferentes contextos, homoparental, monoparental, e a nuclear. A sociedade ainda necessita desse modelo “família”, estudos apontam que esse é ainda o pilar da sociedade, e tem esse modelo, como sua estrutura principal.

É difícil imaginar que a mulher saindo do seu lar para o trabalho, fosse igual a uma máquina, apertaria o botão e tudo ficaria para traz, filhos, marido e a casa. Ela casada, com dois filhos, empregada, uma estrutura familiar razoável, mesmo assim, sente na pele o esforço que tem de fazer. Bem mais complicado, fica para as classes menos favorecidas, os riscos são maiores tudo é mais difícil, onde entra a questão da vulnerabilidade social. Essas mulheres possuem tantas tarefas que ao retornar para sua casa, não sobra tempo para uma simples vaidade. É neste lar que na maioria das vezes, concentra-se a maior parte da violência doméstica.

A questão é: aquela mulher do século passado chamada “dona de casa” que lavava, passava, arrumava a casa, cuidava das crianças, do marido e tantos outros a fazeres passavam pelas mesmas temeridades, só em diferentes situações, difíceis como: O filho adoecia, não tinham médicos, os remédios eram caseiros. Hoje, o médico está bem próximo e os remédios também. Mas divide sua angustia estando no serviço e o filho doente sozinho ou com a empregada. Esse é um exemplo de tantos outros. Essa autonomia adquirida por elas, não seria o motivo pelo qual elas estão hoje, passando por situações de violência abandono e muitas delas assassinadas? Zibel (2011, p. 2170) em seu artigo relata:

[...] Pesquisas levadas a cabo por grupos de mulheres e pesquisadoras feministas/de gênero vêm apontando, ao longo de mais de trinta anos, problemas bastante graves no interior das famílias. A ponta do iceberg foi registrada em forma de prontuários médicos, boletins de ocorrência policial e mapeamentos de grupos de crianças de rua, só para dar alguns dos exemplos mais evidentes, e é estudada sob a forma/expressão de violência doméstica.

Analisando tantos caminhos por elas percorridos, a mulher, ou as mulheres, termo mais propício para designar um todo do gênero “feminino”, continua ao longo de décadas, passando por inúmeros embates. O lar que deveria ser para ela seu aconchego, muitas vezes é penúria do retorno de um dia de trabalho.

O mercado de trabalho proporciona tantas opções de serviços para essa mulher, e ela cada vez mais busca alcançar seu desejo. Com seu sentido mais aguçado, sua criatividade, sua delicadeza e a ânsia de estar envolvida nessa sociedade, não só do desejo dela, mas sendo solicitadas cada vez mais em campos diferentes, atividades que num passado distante era apenas dirigida pelo sexo oposto. Conquistou, alcançou e adquiriu muito ao longo de anos e anos, pois, é dela o sonho da conquista do trabalho, (sai do lar) é dela o retorno de um dia de árduo trabalho, (volta ao lar).

3 CONQUISTAS E DESAFIOS

Reconhecendo que conquistaram tudo o que almejavam, seria inoportuno, na verdade foram conquistados direitos básicos: como votar, estudar, o mercado de trabalho, ter filhos ou não tê-los e dizer que ela tem direitos iguais aos dos homens, se isso fosse verdade, nós não teríamos tantos conflitos familiares. O mercado de trabalho está cada vez mais necessitado de mão-de-obra, especializada e é deste ponto de partida que a mulher entra em cena, pois, como sempre se sentiu coagida, hoje ela luta para melhorar suas condições de vida empenhando-se e se especializando, para conquistar seu objetivo. Descreve Aparicio, Melo e Oliveira (2009, site):

[...] Historicamente, quando os homens procuram desenvolver sua carreira, sua dificuldade é menor devido a uma cultura patriarcal observada em nossa sociedade que põe obstáculos ao desenvolvimento profissional feminino. As mulheres, por outro lado, ainda encontram barreiras tanto naturais (filhos, família, cuidado com o lar...), como as impostas por organizações mais conservadoras. Porém, outro ponto importante é a mudança de comportamento da própria mulher que tem refletido transformação na sociedade.

A legislação que criminaliza a violência doméstica não conseguiu reverter esse entendimento, quando essas mulheres ousam agir de sua própria vontade são coagidas, são castigadas. No início da década de 90 melhorou muito as políticas públicas do Brasil, os movimentos sociais de mulheres, negras, feministas e grupos religiosos, se juntaram nessa causa. Se hoje muitas delas conquistaram seu espaço, foi fruto desses movimentos.

Apesar de estar muito distante da realidade, a mulher conseguiu abrir espaço dentro de sua própria cultura e nas sociedades. Segundo Aparicio, Melo e Oliveira. (2009, site)

Apesar das dificuldades naturais que a mulher enfrenta, seu destaque tem sido cada vez maior. Seu papel desempenhado dentro das organizações tem tomado crescente espaço. Isso porque o ambiente externo, como a mudança no perfil da sociedade, tem influenciado no tipo de tratamento da empresa no que diz respeito à carreira feminina.

Compreender essas mulheres, “segundo os homens, não é fácil” sabemos nós que sentimos na pele todos os dias o que é ser mulher, e ter de desafiar para conquistar. Esse termo é usado diariamente pelos homens, relatado por elas nas rodas de conversas. Frequentemente elas falam a respeito de seus sonhos, seus objetivos, que foram desaprovados e ignorado pelos parceiros. Quando inseridas no mercado de trabalho tentam seguir uma carreira, mas quando assume um cargo de igual posição do homem, seu salário é desigual.

4 A SUBMISSÃO FEMININA PERMEADA PELA RELIGIOSIDADE: UM BREVE OLHAR

Lendo e analisando, alguns artigos sobre o determinado tema: feminismo, família, desafios e conquistas, percebemos que muito se fala no patriarcado de centenas de anos, inclusive, já mencionados em algumas partes deste artigo. Neste contexto, Indagamo-nos num pensamento, de quando ainda éramos adolescente, e de nosso vínculo com a igreja cristã da qual pertencíamos na região do Alto Vale do Itajaí - SC.

Com seus dogmas e pregações, os líderes religiosos muitas vezes se baseando em capítulos e versículos bíblicos, faziam e fazem até hoje seus sermões suas práticas, baseando-se no evangelho, que por vezes, traz textos mencionando a mulher como frágil, devendo uma obediência ao marido.

A este respeito, algumas observações pôde-se constatar no decorrer deste estudo. Destacamos aqui alguns trechos bíblicos que tratam da fragilidade e submissão da mulher.

Segundo a Bíblia (1976, p. 1544), no livro de Pedro, capítulo 3, versículo 1: “Voz também ó mulheres, sede submissas aos vossos maridos,” outro trecho do versículo 7 do mesmo capítulo “[...] ó maridos comportai-vos sabiamente no vosso convívio com as vossas mulheres, pois, são de um sexo mais fraco”.

Chamou-nos a atenção ainda, no livro de Coríntios, capítulo 14, versículos 33 até 35: “Como em todas as igrejas dos santos, as mulheres estejam caladas nas assembleias não lhe é permitido falar, mas devem estar submissas, como também ordena a lei” (BÍBLIA, 1976, p. 1475), e o livro de Timóteo, em seu capítulo 2, Versículo 11, 12 e 13:

A mulher ouça a instrução em silencio, com o espirito de submissão. Não permito a mulher que ensine nem que se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio, pois o primeiro a ser criado foi Adão não Eva. E não foi Adão que se deixou iludir, e sim a mulher que, enganada, se tornou culpada da transgressão (BÍBLIA, 1976, p. 1518).

E por fim, trazemos o livro de Coríntios, capítulo 11, versículo 9 “nem foi o homem criado para a mulher, mas sim a mulher para o homem, por isso a mulher deve trazer, o sinal da submissão em sua cabeça” (BÍBLIA, 1976, p. 1475).

Se analisarmos cada capítulo e versículos citados nestes trechos da Bíblia, soou-nos a princípio, uma forte discriminação para com a mulher. Entretanto, compreendemos que um estudo mais detalhado precisaria ser feito por nós, pois, entendemos que a Bíblia, ou qualquer outro livro sagrado/religioso, não pode ser estudado sem um aprofundamento do contexto. Na continuidade de nossas pesquisas, nos próximos anos, quem sabe nos aprofundemos nestas questões.

Entretanto, convém frisar que nossa sociedade segundo o senso feito pelo IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010 aponta que 64,6 % dos brasileiros se denominam Católicos Romanos - se considerarmos as demais denominações cristãs, esse número se mostra ainda mais expressivo – (IBGE, 2010, site).

Assim, questionamo-nos: Qual o impacto que a educação patriarcal onde fomos educadas (os) sofreu com as religiões que disseminaram por todos os cantos do mundo que, nós as mulheres somos mais fracas, frágeis, que não tínhamos o poder da escolha, que nossa sexualidade tinha que ser casta antes do casamento, que fomos feita para a obediência ao marido, e tantas outras coisas a mais?

Isto que, trouxemos neste artigo, apenas um brevíssimo recorte dos textos utilizados pelas religiões cristãs, pois, em outras denominações não cristãs, as mulheres muitas vezes são expostas a situações que vão muito além da discriminação, ou seja, em nome de uma

religiosidade mulheres são submetidas a atos considerados em nossa cultura como imersos em criminalidade/brutalidade e morte física.

Segundo Silva (1997, site) “A religião funcionava como princípio regulador central”. Se nós fomos educados (as) num sistema que prevalecia a obediência a religião, e esta pregava a submissão ao marido, não poderia ser diferente, tudo que se sabe, sobre o passado e o futuro desta mulher.

O mundo contemporâneo mesmo com tantas transformações e divergências, continua utilizando-se de livros sagrados, como a bíblia, como um instrumento para as pregações, apontando caminhos para a continuação da humanidade com: “antigo e no novo testamento”. Com crenças que ao longo de milhares de anos ainda é regida por este livro. Não podemos ignorar ele, pois quem os redigiu usou de uma linguagem muito culta para a época, com frases, parágrafos e textos que deixa-nos perplexos com tal concordância, e apelo a ser temente á Deus.

Essas discriminações pelo sexo feminino ainda é muito forte, a mídia (televisão, rádio revistas) exerce influência muito forte. Nas dramaturgias das telenovelas, de episódios dos programas de comédia. É notável que a mulher sempre seja o foco, usado seu corpo, suas curvas, contracenando e interpretando papéis, dos mais variados, mesmo ali entre os holofotes, onde tudo é natural, onde se prega o não ao preconceito, o machismo impera. E é transmitido para os telespectadores, que inconsciente assimila como uma naturalidade real. “A Teve brasileira muitas vezes mostra a mulher apenas como um objeto de prazer assim um pedaço de “carne”, não à reconhecendo como ser pensante, com voz ativa na sociedade, mãe, educadora. Segundo a constituição brasileira: em seu artigo 5º parágrafo I “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição. Zirbel (2008, p. 1) contesta:

[...] Mediante o progresso no campo do conhecimento em neurociência, somos tentados/as a acreditar que as ideias recebidas quanto às diferenças biológicas entre homens e mulheres foram esquecidas, deixadas para trás. O que não é, de forma alguma, o caso do nosso cotidiano. A mídia e as revistas continuam a nos repassar velhos clichês que afirmam serem as mulheres « naturalmente » mais faladeiras e incapazes de ler um mapa de rotas rodoviárias, enquanto que os homens nasceram bons em matemática e competitivos.

Analisando situações do nosso dia-a-dia, é notório a mulher estar à frente de situações complicadas, pois, o homem se afugenta por não ter a capacidade de suportar situações muitas vezes constrangedoras como: Passar noites em claro, cuidar de uma pessoa acamada, assumir compromissos que mexe com o psicológico, morte na família. É dela na maioria das vezes, o papel dos cuidados com os pais já idosos, continua sendo ela a responsável pelas questões familiares e tantas coisas que relato neste estudo.

Todos esses estereótipos estabelecidos durante anos pela nossa sociedade permanecem ainda no nosso cotidiano. Identificar tais fatos é simples, pois estão dentro do nosso lar, na casa vizinha, no trabalho e em todos os grupos sociais. Segundo Kuchenbecker (2004, p.16) “Fica, portanto, muito evidente que o fenômeno religioso faz parte da história da humanidade, desde os tempos mais remotos até a modernidade. É um fenômeno universal, individual, cultural e social”. Fica claro que não só na nossa sociedade como universalmente falando, todo esse conceito sobre o sexo feminino está enraizado nas mais diferentes culturas, e é dentro dessa cultura que a mulher está inserida, com um perfil padronizado pelo sexo oposto, que tem ela como inferior, podendo dizer assim que não só o patriarcado, mas também a igreja teve uma parcela nesse modelo de pensamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho podemos perceber que ao longo dos anos a ação da mulher para a organização da sociedade foi fundamental, tendo ela a participação na construção de todas as culturas e influenciando diretamente no modo de vida. Apresentando uma atuação muitas vezes de modo oculto, porém sempre presente.

Esse caminho traçado por ela levou anos para ter o reconhecimento perante a sociedade, que a julgava como sendo um ser inferior ao sexo masculino, sem condições de assumir papéis fora do círculo doméstico. Ao buscar a história da mulher por tantas vezes vi incluídas algumas delas no meu círculo familiar, sob relatos de um passado não muito distante, de submissão e obediência ao cônjuge.

Em relação a mulher contemporânea pude reconhecer que mesmo estando no século XXI esta mulher passou por inúmeros embates e ainda se sente submissa ao seu companheiro, pois o mesmo sempre está a frente de todos os trabalhos. O sistema da família mundial que eleva o gênero masculino com privilégios mantém-se como no início dos tempos, onde a mulher cuidava e alimentava o recém-nascido, não podendo deixa-lo sozinho. O homem por sua vez, ia atrás da caça, para levar sustento a essa família. Partido deste pressuposto, não seria daí que tudo começou?

Tendo essa nova visão sobre gênero, ao longo desse estudo, percebe-se que, não é pela diferença de nosso corpo físico, mas sim a maternidade que levou-nos a esse embate entre gênero, e ela proporciona para nós mulheres, alguns dos mais belos adjetivos: protetora, amorosa, dedicada etc.

Utilizando de recursos bibliográficos acadêmicos reuni fatos que me levaram a querer dar continuidade e aprofundamento à história da mulher, que por sua vez teve um árduo caminho a percorrer até ser dada certa atenção a seus anseios. Com sua inteligência e competência esta mulher poderá não ser mais pré-julgada, e sim, reconhecida com um ser de valor, que contribuiu muito para o andamento da história. História essa entre tantas mulheres: Princesa Isabel, Dilma Rousseff, Irmã Dulce, Zilda Arns, Maria da Penha, Cora Carolina. Entre tantas outras ocultas, ou acalentadas em seus lares, contribuindo mesmo assim para o futuro da humanidade.

Termino este artigo com uma canção popular:

Mulher (Sexo Frágil)

Compositor: Narinha - Erasmo Carlos

Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda!
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas

Vejam como é forte a que eu conheço
Sua sapiência não tem preço
Satisfaz meu ego, se fingindo submissa
Mas no fundo me enfeitiça

Quando eu chego em casa à noitinha
Quero uma mulher só minha
Mas pra quem deu luz não tem mais jeito
Porque um filho quer seu peito

O outro já reclama a sua mão
E o outro quer o amor que ela tiver
Quatro homens dependentes e carentes
Da força da mulher

Mulher! Mulher!
Do barro de que você foi gerada
Me veio inspiração
Pra decantar você nessa canção

Mulher! Mulher!
Na escola em que você foi ensinada
Jamais tirei um 10
Sou forte, mas não chego aos seus pés

REFERÊNCIAS

ADRIAO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MALUF, Sônia Weidner. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 661-682, Set/Dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000300002&script=sci_arttext>. acesso em: 04 set. 2015.

APARÍCIO, Ingrid; MELLO, Kelli; OLIVEIRA, Patrícia de. Desenvolvimento de carreira: O papel da mulher nas organizações. **Cadernos de Administração**, v. 1, p. 130-148, mês, 2009.

BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (Orgs). **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

BIBLIA Sagrada. 23. ed. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda, 1976.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 2010.

CADERNOS BRASILEIROS DE SAÚDE MENTAL, Florianópolis, v.5, n.12, p.161-175, 2013. ISSN 1984-2147. Disponível também em: < <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/issue/view/452> >. Acesso em: 29 set. 2015.

GROSSI, Miriam Pillar. **Novas/Velhas Violências contra a Mulher no Brasil**. Revista Estudos Feministas. Ano 2, 2º sem., 1994, p. 473-483.

GROSSI, Miriam Pillar. A Revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. spe, p. 211-221, dez. 2004. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300023> >. acesso em: 03 nov. 2015.

HANADA, Heloisa; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas; SCHRAIBER, Lilia Blima. Os psicólogos na rede de assistência a mulheres em situação de violência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 33-60, abr. 2010. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000100003> >. acessos em 04 set. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010: Proporção de pessoas por grupos de religião- Brasil 1991/2010**. Rio de Janeiro. 29 de junho de 2012. Disponível também em: < <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf> >. Acesso em: 29 set. 2015.

MELO, Alexandre. **Os fatos históricos que marcaram as conquistas das mulheres**. Revista Nova Escola. 2013. Disponível em: <revistaescola.abril.com.br/.../fatos-historicos-conquistas-dia-da-mulher-7..>. Acesso em: 04 set. 2015.

NUNES, Maria Terezinha; HITA, Maria Gabriella. **Violência doméstica contra a mulher e o acesso á justiça:** (in) constitucionalidade da Lei Maria da Penha? In Anais (ISSN 2179-510X) do Seminário internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: Universidade Federal de SC, 2010. Disponível em: <www.fazendogenero.ufsc.br/.../1278300632_ARQUIVO_TEXTO-FAZE...>. Acesso em: 04 set. 2015.

SILVA, Marilda Checcucci Gonçalves da. **Religião, família e identidade na construção da vocação religiosa entre a população de origem italiana da região do Médio Vale do Rio**

Itajaí-Açú. 1997. Disponível também em: < <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74977> >. Acesso em: 26 de set, 2015.

VIDAL, Catherine, **O cérebro tem sexo ?** . 2008. 9f. Dissertação resultado de um seminário sobre igualdade entre meninas e meninos no âmbito escolar. (Neurobióloga e Diretora de Pesquisas no Instituto Pasteur de Paris) – Instituto Pasteur de Paris, Paris, 2008. Tradução: Ilze Zirbel. Disponível também em: < https://www.academia.edu/5073277/O_c%C3%A9rebro_tem_sexo_ >.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Colleet al. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZIRBEL, Ilze. **A caminhada do Movimento Feminista Brasileiro:** das sufragistas ao Ano Internacional da Mulher. Texto apresentado no IV Seminário Internacional de Iniciação Científica, Blumenau, 1998. Disponível também em: < https://www.academia.edu/3598910/A_caminhada_do_Movimento_Feminista_Brasileiro_das_sufragistas_ao_Ano_Internacional_da_Mulher >. Acesso em: 29 set. 2015.